

ABORDAGENS METODOLÓGICAS DA GEOGRAFIA AGRÁRIA CLÁSSICA BRASILEIRA

Flamarion Dutra Alves
Universidade Federal de Alfenas
dutrasm@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo apresenta um levantamento bibliográfico da produção na geografia agrária em periódicos científicos da geografia, durante os anos de 1941 a 1960, visando identificar as abordagens metodológicas utilizadas nos estudos agrários. Sob a influência do método indutivo, com características essencialmente descritivas através dos trabalhos empíricos, a geografia agrária brasileira mostrou uma variedade de abordagens metodológicas, que muitas vezes, passaram despercebidas ou ocultadas devido às generalizações e classificações das escolas do pensamento geográfico. Dessa forma, analisando as diferentes concepções teórico-metodológicas nos estudos geográficos do rural, elucidamos a ideia da diversidade das abordagens metodológicas na geografia clássica, apesar do predomínio do método indutivo-empírico-descritivo.

Palavras-chave: Metodologia, História do Pensamento Geográfico, Método, Geografia Agrária, Geografia Clássica.

METHODOLOGICAL APPROACHES OF THE CLASSICAL BRAZILIAN AGRARIAN GEOGRAPHY

ABSTRACT

This research presents a bibliographic survey about the academic writing in the agrarian scientific Geography journals, from 1941 until 1960, what aims at identifying the methodological approaches employed in the agrarian researches. Under the influence of the inductive method, essentially characterized as descriptive by empirical works, Brazilian agrarian Geography has shown a variety of methodological approaches, which many times passed by unperceived or concealed due to generations and classifications of Geographical thought schools. Thus, by analyzing different theoretical-methodological conceptions in the rural Geographical studies, we have clarified the idea of the diversity of methodological approaches in the Classical Geography, in spite of the predominance of the descriptive-empirical-inductive method.

Keywords: Methodology, History of the Geography Thought, Method, Agrarian Geography, Classical Geography.

APPROCHES MÉTHODOLOGIQUES DE LA GÉOGRAPHIE AGRAIRE BRÉSILIENNE

RESUME

L'actuel étude présente un sondage bibliographique de la production dans la Géographie agraire en périodiques scientifiques de la Géographie, pendant les années de 1941 jusqu'à 1960, lequel envisage identifier les approches méthodologiques utilisées dans les études agraires. Influencée par la méthode inductive, avec des caractéristiques essentiellement descriptives par les travaux empiriques, la Géographie agraire brésilienne a montré une variété d'approches méthodologiques, qui ne sont pas souvent aperçues ou sont occultées à cause des généralisations et classifications des écoles de la pensée de la Géographie. Ainsi, lorsque nous analysons des différentes conceptions théorique-méthodologiques dans les études géographiques ruraux, nous elucidons l'idée de la diversité des approches méthodologiques dans la Géographie classique, en dépit de la prédominance de la méthode inductive-empirique-descrptive.

Mots-Clé: Méthodologie, Histoire de la Pensée Géographique, Méthode, Géographie Agraire, Géographie Classique.

Recebido em 27/02/12
Aprovado para publicação em 18/06/12

INTRODUÇÃO

A história da ciência geográfica nos mostra diferentes momentos paradigmáticos ao longo de sua existência, que embasam os pressupostos teórico-metodológicos do pensamento e da aplicabilidade do conhecimento científico. Entender a evolução do pensamento geográfico é uma tarefa árdua, haja vista a diversidade de posições teóricas, temas e áreas da geografia.

O estudo pormenorizado dos enfoques metodológicos na geografia agrária brasileira visa identificar o mosaico de concepções utilizadas no período denominado “clássico” da geografia. Ressaltando o início da geografia universitária no Brasil, 1941 a 1960, sob o prisma dos periódicos científicos na área, ou seja, analisar as bases fundantes da geografia agrária brasileira, a origem e o legado teórico-metodológico herdado pelos pioneiros nos estudos rurais na geografia.

Para tal, a análise da história do pensamento na geografia agrária foi realizado utilizando alguns geógrafos que já fizeram levantamentos históricos acerca do tema, como Gusmão (1978), Andrade (1995), Ferreira (2001, 2002) e Alves (2010) considerando os diferentes momentos teórico-metodológicos e suas características.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo visa analisar a evolução metodológica da geografia agrária, entre 1941 a 1960, observando as abordagens metodológicas, conceitos e temas estudados. A base para este estudo concentra-se nos periódicos científicos em geografia de circulação nacional, como a Revista Brasileira de Geografia (RBG), Boletim Geográfico (BG) e Boletim Paulista de Geografia (BPG).

METODOLOGIA PARA ENTENDER A EVOLUÇÃO METODOLÓGICA DA GEOGRAFIA AGRÁRIA

O processo investigativo na história do pensamento geográfico pode ser realizado de diversas maneiras para elucidar as questões teóricas e metodológicas do pesquisador, escola ou ramo da geografia.

Para fazermos uma análise das características metodológicas da geografia agrária, utilizou-se o método hermenêutico como base do nosso pensamento metodológico. Pois, a partir dessa metodologia conseguiu-se interpretar os trabalhos desenvolvidos e compreender o sentido teórico do material consultado. Como hermenêutica, Pedro Demo (1995) define:

Podemos dizer que a metodologia da interpretação, ou seja, dirige-se a compreender formas e conteúdos da comunicação humana, em toda a sua complexidade e simplicidade. O intérprete é sempre alguém dotado de bagagem prévia, porque ninguém consegue compreender a comunicação sem deter algum contexto relativo a ela, em sentido prévio. (DEMO, 1995, p.249)

Utilizando a hermenêutica fundamentada em Gadamer (2003, p.358) deixamos claro o procedimento adotado nas análises dos textos “Aquele que quer compreender não pode se entregar de antemão ao arbítrio de suas próprias opiniões prévias, ignorando a opinião do texto da maneira mais obstinada a consequente possível”. Assim, para uma leitura das obras, o método hermenêutico permite entender e vislumbrar a base teórica dos autores e também analisar o momento histórico das obras:

Querer simplesmente subtrair a historiografia e a investigação histórica à competência da reflexão histórico-efetual significa reduzi-la à indiferença extrema. É justamente a universalidade do problema hermenêutico que questiona o que está por trás de todas as espécies de interesses pela história, porque se refere àquilo que está como fundamento para a “questão histórica”. (GADAMER, 2003, p. 18-19).

Os estudos sobre a história do pensamento geográfico desenvolvidos por Reis Júnior (2008) nos mostrou técnicas divididas em 5 etapas para a interpretação do pensamento geográfico:

- 1) Representatividade argumentativa: onde trabalhará forçosamente com indícios mínimos;
- 2) Frequência textual: se filosofia é representada pelo discurso e filosofia representa escola, então discurso é igual a escola;
- 3) Espectro de concepções: é a manifestação de sensíveis mudanças no conjunto de idéias do autor;

4) Consistência dos juízos: há dados que só seremos felizes em transplantar se formos buscá-los junto aos veículos literários mais explicitamente consagrados a examiná-los;

5) Dado biográfico: de algum modo o pesquisador se sente obrigado a procurar, na escala do indivíduo, dados potencialmente determinantes.

Além das referências técnicas e metodológicas de Reis Júnior (2008), o processo investigativo na história do pensamento na geografia agrária, principalmente a teórico-metodológica, já vem sendo estudada por Alves e Ferreira (2007, 2008a, 2008b). Algumas dessas técnicas foram utilizadas na interpretação dos artigos, no qual foram selecionados três periódicos consagrados em geografia, a Revista Brasileira de Geografia que iniciou sua circulação no ano de 1939, totalizando 81 edições publicadas, Boletim Geográfico iniciou a circulação em 1943, totalizando 159 edições e o Boletim Paulista de Geografia, iniciando em 1949, totalizando 36 edições. No montante total de periódicos consultados, chegou-se a 276 revistas. (Figura 1).

Figura 1 – Esboço metodológico para compreender a evolução metodológica na geografia agrária.

Esquema Metodológico

Técnicas	Material	Teorias	Método
<ul style="list-style-type: none"> -Análise de Conteúdo; -Análise do Discurso; -Representatividade argumentativa; -Frequência textual; -Espectro de concepções; -Consistência de juízos. 	<ul style="list-style-type: none"> -81 edições da Revista Brasileira de Geografia (1941-1960); -159 edições do Boletim Geográfico (1943-1960); -36 edições do Boletim Paulista de Geografia (1949-1960); 	<ul style="list-style-type: none"> -Hermenêutica (GADDAMER, 2003); -Paradigmas e evolução epistemológica (KUHN, 1975). 	<ul style="list-style-type: none"> -Hermenêutico (Compreensão e interpretação de textos);

Organização: Flamarion Dutra Alves.

Todo material utilizado nesse artigo foi consultado na Biblioteca da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *Campus* Rio Claro e através de consultas no sítio da Biblioteca Digital do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na qual disponibiliza todas as edições da Revista Brasileira de Geografia e alguns exemplares do Boletim Geográfico.

HISTÓRIA DO PENSAMENTO NA GEOGRAFIA AGRÁRIA BRASILEIRA

A história do pensamento na geografia agrária já foi trabalhada por diversos autores, Gusmão (1978) dividiu em três momentos a geografia agrária. Primeiro os “Estudos rurais de diferenciação de áreas”, em seguida o “Estudos classificatórios do espaço rural, com base em modelos estatístico-matemáticos”, e por fim, os “Estudos de desenvolvimento rural”. Esta classificação realizada por Gusmão (1978) vai ao encontro das diferentes escolas ou correntes do pensamento geográfico (Clássica, Quantitativa e Crítica).

Andrade (1995) pesquisou as questões teórico-metodológicas da geografia agrária constando alguns momentos dessa história. Em um primeiro momento os estudos de “Geografia Rural, sem abrir mão de suas preocupações com a economia agrícola e agrária, dava uma ênfase especial à paisagem, chamando atenção para atividades econômicas mais diversificadas” (p.8).

Nas décadas de 1960 e 1970, os estudos de geografia agrária “sofreram grande influência anglo-saxônica [...] baseando suas reflexões em documentação e usando métodos matemáticos, procuraram quantificar a geografia e formular modelos quantitativos para a mesma” (ANDRADE, 1995, p.8-9).

Outro estudo que tratou da geografia agrária em sua perspectiva histórica no Brasil, foi em Ferreira (2001, 2002), a autora procurou elaborar um quadro síntese da disciplina no Brasil, dividindo em escolas e características teórico-metodológicas. Ferreira (2001) dividiu a produção da geografia agrária no Brasil em quatro momentos. O primeiro a autora chama de *Estudos não-geográficos* na qual seriam os relatos de viajantes e descrição pura da paisagem. Nesse momento, não há nenhuma preocupação com uma metodologia científica na elaboração dos textos.

A partir da década de 1930, é denominada a *Geografia Agrária Clássica* sob forte influência francesa e alemã. A principal temática dessa corrente é a caracterização dos diferentes *habitat rural* e a distribuição agrícola, ou seja, o que e onde está sendo produzido. Os métodos e teorias são baseados na observação e no trabalho empírico-indutivo. Esse momento é mais relevante até meados da década de 1960, quando a influência anglo-saxônica ganha força na geografia, inclusive na agrária, e as teorias e modelos estatísticos são utilizados para tipificar as diferentes *organizações espaciais agrícolas*, esse período é denominado de *Geografia Agrária Quantitativa*.

A Teoria Geral dos Sistemas e modelos de Von Thünen são exemplos da vertente teórico-metodológica dessa escola do pensamento, que buscou um maior rigor científico, aliados as sofisticadas técnicas de análise dos dados, sejam através de análises fatoriais, imagens aéreas, cartografia e outras técnicas estatísticas.

A partir da metade da década de 1970, surge uma corrente de pensamento com um caráter mais sociológico na geografia agrária, procurando entender e lutar contra as desigualdades no espaço agrário, esse momento é chamado de *Geografia Agrária Social*.

Através da síntese exposta pela autora, ficam as considerações sobre os três principais marcos na geografia agrária, coincidindo com as escolas do pensamento (Clássica, Quantitativa e Social) e suas vertentes filosóficas norteadoras. Entretanto, as discussões concentrarão no período denominado clássico na geografia mostrando as variações do método indutivo, e de outras nuances metodológicas nos estudos rurais.

MÉTODO INDUTIVO-EMPÍRICO-DESCRITIVO

A forte influência francesa na geografia brasileira delineou o início dos aportes teóricos nos estudos rurais nas décadas de 1940 e 1950. As pesquisas regionais apoiadas no empirismo, técnicas de observação e descrição das paisagens determinaram o método predominante na geografia agrária brasileira.

Os geógrafos franceses que vieram fundar e construir os primeiros cursos de geografia no Brasil² tinham como mestre Paul Vidal de La Blache, e carregavam o conhecimento sobre os estudos regionais. Dessa forma, o positivismo fica evidente nos objetivos dos trabalhos regionais, na busca incessante pelos fatos concretos e a realidade da população local, sejam nas definições dos gêneros de vida, *habitat* rural, tipo de povoamento ou descrição da paisagem natural (física).

Um dos geógrafos franceses que desenvolveu pesquisas acerca da geografia humana e agrária no Brasil foi Pierre Monbeig. Sob a perspectiva vidaliana, Monbeig aplicou seus conhecimentos nos estudos regionais e monográficos em diversas áreas do Brasil, mas, sobretudo, no interior do Estado de São Paulo.

Apesar dos trabalhos iniciais na geografia estarem calcados na perspectiva francesa, outras bases teóricas serviram de suporte para as pesquisas na geografia agrária, como as abordagens históricas, estatísticas, comparativa, dialética, sociológica, determinista entre outros.

Abordagem Descritiva

Abordagem descritiva está relacionada com o método indutivo e o empirismo, ou ainda, a junção destes elementos Indutivo-Empírico-Descritivo (IED), nos estudos agrários na geografia clássica, a base desta abordagem é a concepção lablachiana da geografia regional:

² São Paulo em 1934 e Rio de Janeiro em 1935. Durante a mesma década foram criados outros órgãos ligados a geografia, como em 1933 o Conselho Nacional de Geografia, em 1934 a Associação dos Geógrafos Brasileiros, fundada por Pierre Deffontaines e no ano de 1938 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Uma monografia regional deveria, na perspectiva lablachiana, conter uma análise detalhada do meio físico, das formas de ocupação, das atividades humanas e de como o homem se ajusta a natureza. O olhar sobre a natureza deveria conter uma perspectiva histórica na análise da relação homem-meio. Fundamentalmente, a monografia regional deveria estabelecer a integração dos elementos físicos e sociais e acrescentar uma visão sintética da região. (LENCIONI, 2003, p.105).

A rotina do geógrafo em observar, localizar e descrever foi destacadamente importante para a fundação da geografia como ciência, a riqueza de detalhes nas inúmeras monografias regionais predominou nas décadas de 1940 e 1950, sendo referência e etapa primordial na metodologia geográfica.

Os trabalhos de Pierre Deffontaines (1945, 1947a, 1947b) servem de exemplo para tal abordagem. Acerca das regiões e paisagens do Estado de São Paulo, evidenciou-se a preocupação do geógrafo em desvendar o território nacional, ainda pouco conhecido:

O viajante que percorre pela primeira vez o Estado de São Paulo impressiona-se com uma certa monotonia: falta de relevo muito saliente e que forme compartimento; grandes rios que correm para oeste seguindo um curso grosseiramente paralelo e com regimes hidrográficos que parecem idênticos; um clima sem variações locais sensíveis; uma vegetação que difere unicamente pelo seu grau de degradação; do ponto de vista humano, o mesmo povoamento disperso, o mesmo regime da fazenda, o mesmo tipo de aglomerações incrivelmente uniformes. (Deffontaines, 1945, p.1837).

A demonstração do método indutivo nos escritos corrobora com a tendência da época, dos trabalhos de campos baseados na observação para a compreensão da realidade regional. Em outro estudo, Deffontaines (1947a) caracteriza a geografia econômica do Brasil enfatizando a agricultura, como ele mesmo afirma “O Brasil, país essencialmente agrícola” (1947a, p.1571). Neste estudo, ele percorre os principais ciclos econômicos ocorridos no Brasil e descreve as culturas agrícolas predominantes indicando a localidade e as condições na qual é realizada. Outra preocupação de Deffontaines (1947a) é com relação à fixação do homem no campo e a grande propriedade monocultora:

A monocultura causou sérios dissabores, crises periódicas e até mesmo crônicas de superprodução. Evolui-se para uma agricultura mais variada, mais bem distribuída. As grandes propriedades decrescem e muitos latifúndios estão a caminho de retalhamento em lotes [...] a fixação do homem ao solo é ainda uma esperança. (Deffontaines, 1947a, p.1576).

Deffontaines (1947b) tem o cuidado de diferenciar os *habitat* no Estado de São Paulo, no que tange as habitações rurais. Primeiramente, ele descreve os *habitat* nas fazendas de café, na qual existe a casa grande onde vive o dono da fazenda, e uma casa menor na qual vivem os empregados dessa fazenda. Por fim, ele descreve as habitações do litoral, sobretudo ocupadas por pescadores. Esses estudos do *habitat* são de grande importância para a geografia agrária, porque através da classificação do conjunto de elementos que formam o *habitat*, como tipo de moradia, agricultura praticada e infra-estrutura são possíveis identificar os *habitat* rurais nas diferentes regiões brasileiras.

A GEOGRAFIA AGRÁRIA CLÁSSICA NÃO É SÓ DESCRITIVA

A diversidade de temas na geografia agrária ocasiona uma multiplicidade de abordagens teóricas e de técnicas de pesquisa. Os assuntos sobre o espaço rural podem estar relacionados com a produção agrícola, paisagem natural, modo de vida rural, condições do *habitat* rural, estrutura fundiária entre outras temáticas.

Nesse sentido, as abordagens metodológicas são diversificadas nos estudos rurais, mesmo nas décadas de 1940 e 1950 com a predominância do método indutivo-empírico-descritivo. As pesquisas revelaram outros enfoques adotados, o que propõe uma não homogeneidade de pensamento e nas bases teórico-metodológicas da geografia agrária “clássica”.

Abordagem Histórica

Compreender a organização da paisagem nos remete entender sua evolução e construção, por isso, a abordagem histórica é para alguns geógrafos uma ferramenta importante na interpretação do espaço rural.

Importante método de interpretação e análise, a abordagem histórica é lembrada por Monbeig (1944, p.9) fazendo algumas observações sobre os métodos científicos nos estudos geográficos: “Basta citar a obra de Vidal de La Blache e seus discípulos para avaliar-se o papel essencial que o espírito e o método histórico devem desempenhar nos estudos e pesquisas geográficas”. O autor ao tratar sobre a inter-relação da geografia humana e a história, cita Demangeon “a geografia humana estuda as relações entre as sociedades humanas e o meio no presente e no passado” (1944, p.9).

Com isso, ele ressalta a necessidade dos estudos geográficos, principalmente os que tratam das questões humanas, em fazer um levantamento histórico das áreas, pessoas e *habitat*. Monbeig (1944) exemplifica o método da geografia humana:

É preciso simplesmente procurar explicar o gênero de vida atual analisando seus elementos à luz do método histórico que é o único a fazer compreender o lugar que ocupam hoje [...] o estudo de um gênero de vida é a aplicação de método histórico à atualidade regional. (Monbeig, 1944, p.10).

O autor ainda alerta para o uso indevido do método histórico nas pesquisas geográficas:

A interpretação da história e da geografia é, pois, geral e constante, uma pesquisa de geografia humana não tendo senão um resultado incompleto e um valor científico limitado se aquele que a realiza não tem, além do espírito geográfico, uma mentalidade histórica. (Monbeig, 1944, p.10).

Portanto, a abordagem histórica ou *método histórico* conforme Monbeig (1944) é uma ferramenta importante no estudo geográfico, pois elucida questões temporais, compreende o presente e propicia reflexões para o futuro.

Abordagem Estatística

Com intuito de acrescentar informações nas interpretações da paisagem rural, a abordagem estatística favoreceu o desenvolvimento de outras análises sobre o rural, não se detendo apenas a observação direta e descrição das paisagens.

Um dos principais fatores para tal desenvolvimento da abordagem estatística, deve-se a implementação e divulgação dos Censos Agropecuários do IBGE³, que veio contribuir para os diagnósticos feitos em campo pelos geógrafos agrários. Os trabalhos nessa perspectiva são amplamente elaborados com tabelas e gráficos, que indicam múltiplas variáveis a respeito da produção agropecuária, ocupação e uso da terra, estrutura fundiária e indicadores socioeconômicos.

Com relação à concentração de terras, o trabalho de Câmara (1949) apresenta uma análise estatística dos dados do censo nacional de 1940. O autor explica o uso de sua metodologia:

Síntese metodológica – as desigualdades na distribuição da propriedade agrária – motivo de inquietações, rebeldias, reivindicações de todos os séculos e de diferentes latitudes – podem ser mensuradas através de áreas, razões ou índices específicos, a cuja metodologia a escola italiana de Estatística dedicou as maiores atenções e as mais aprofundadas pesquisas. (Câmara, 1949, p.516).

Os resultados da apreciação estatística através do índice de Gini e classificação de áreas para a estrutura fundiária revelaram aquilo que todos percebiam, a concentração de terras, “essas disparidades tão acentuadas na distribuição da propriedade agropecuária sugerem a existência, no Brasil, de fortíssima concentração” (Câmara, 1949, p.519).

Sem dúvida, esta abordagem deu ênfase e embasamento para muitas análises regionais, haja vista que as descrições, não eram suficientes, para alguns, para determinar resultados satisfatórios e, por conseguinte, servir como técnica de análise geográfica.

Abordagem Comparativa

A análise entre regiões e as analogias entre as paisagens remontam os pressupostos teóricos de Karl Ritter, a partir de sua obra *Geografia Comparada (1807)*, no qual destacou a inter-relação do meio físico com o meio humano, a relação natureza-sociedade.

³ O primeiro Censo Agropecuário foi divulgado em 1920, depois em 1940, 1950, 1960, 1970, 1975, 1980, 1985, 1990, 1995-96 e 2006.

Para elucidar essa questão, Geiger e Santos (1954) analisaram a composição da paisagem na baixada fluminense, sob os aspectos humanos em relação ao meio físico, nesse sentido, destacaram as condições físicas com a produção agrícola:

O clima da Baixada é suficientemente quente e úmido para a cultura dos bananais e a existência de uma estação seca, relativamente acentuada em certas áreas, é favorável às plantações de abacaxi e de laranjais. Quanto aos solos, existem os que são bastante argilosos e fofos, necessários às touceiras de banana e os mais ou menos arenosos e menos úmidos para a cultura de laranja e abacaxi. (Geiger & Santos, 1954, p.297).

Na geografia clássica, a abordagem comparativa é tratada como um método auxiliar na descrição das paisagens, pois traz algumas interpretações e possíveis deduções quanto às analogias realizadas, principalmente no que diz respeito aos gêneros de vida e aos *habitat* rurais de distintas regiões.

Abordagem de Causa-Efeito

A relação entre causa e efeito aparece em alguns trabalhos na geografia agrária, sobretudo na perspectiva funcionalista do espaço rural. Os movimentos dos elementos físicos e humanos do espaço estão em constante interação causando trocas e efetuando mudanças na dinâmica das paisagens.

O artigo de Valverde (1944) retrata a região do Rio São Francisco, partindo das regiões geográficas (naturais) até os aspectos humanos. O autor estudou o vale do São Francisco em três regiões – baixo, médio e alto – utilizando uma abordagem de causa e efeito, entre os elementos humanos e físicos:

[...] os diferentes trechos do curso fluvial, acarretam diferentes conseqüências, sobretudo no campo antropogeográfico. Mas não é só; inversamente, o curso do rio sofre as conseqüências das diferenças geológicas, orográficas. Há, assim, entre as regiões geográficas do vale e os trechos correspondentes do rio, relações mútuas de causa e efeito. (VALVERDE, 1944, p.51).

De certa forma, a abordagem de causa-efeito tem um viés sistêmico, pois todos os fatos estão interligados, entretanto, não há explicações profundas sobre tais conexões. Assim, as relações estão ligadas, sobretudo, aos elementos físicos atuando sobre os elementos humanos, não sendo determinante para a formação da paisagem, mas interferindo em alguns aspectos.

Abordagem Determinista

Utilizada em poucos trabalhos geográficos no Brasil, a abordagem determinista está centrada nas imposições que o meio físico exerce na constituição das sociedades. Especialmente na fixação e organização dos *habitat* rurais, com relação às condições físicas (solo, clima, hidrologia, relevo etc) para a produção agrícola e criação da pecuária.

Para Leo Waibel (1961, p.613) a abordagem determinista é entendida como:

Entendemos por determinismo geográfico o conceito de que os elementos da geografia humana sejam determinados principalmente pelos fatores naturais, ou melhor, físicos. Este conceito foi introduzido na geografia por Frederick Ratzel. Em contraste com esta filosofia materialista, Vidal de la Blache na França e Alfred Hettner na Alemanha afirmaram que os fatores físicos não exercem influencia determinativa e que a consideração de tais fatores pode chegar somente a "possibilidade". (Waibel, 1961, p.613).

Paul Veyret (1956) apresenta uma abordagem determinista e conservadora a respeito da fixação do homem e das atividades de pecuária desenvolvidas nos trópicos. Relata a dificuldade da pecuária nas zonas tropicais, fazendo uma correlação com as zonas temperadas, por causa da temperatura, umidade, vegetação entre outros aspectos, somado a isso, o autor salienta a dificuldade de desenvolver a atividade pecuária com as populações nativas, em especial os indígenas:

A intervenção européia não operou milagres e, aliás, não poderia fazê-lo. É oportuno lembrar que a natureza tropical, pelo calor do clima, pelo regime das chuvas e pela rudeza da vegetação, impõe aos herbívoros condições de vida muito mais duras que as dos países temperados. [...] Uma revolução

psicológica deveria, também, ter sido feita: tal tarefa é bem mais difícil que a educação dos agricultores, pois, além dos hábitos, fere religiões e crenças tão enraizadas quanto à religião. As resistências humanas acrescentaram-se, portanto, às dificuldades físicas para limitar de modo bem restrito a ação colonizadora em matéria de pecuária. (Vayret, 1956, p.9-10).

Outro trabalho que retrata a produção de gados bovinos e a abordagem determinista está em Abreu (1953), na qual afirma que esta cultura pecuária determinou alguns traços culturais e sociais no Rio Grande do Sul, ou seja, a influência dessa cultura na Antropogeografia, de Ratzel, no território gaúcho. Ainda nessa mesma região, Pôrto (1956, 1957) fazendo um estudo histórico da ocupação nas Missões no Rio Grande do Sul, ressalta a influência da pecuária bovina na constituição da sociedade naquela região: “a geografia do gado imporá ao homem, imperativamente, em função do meio, novas condições modificadoras de sua vida material e moral, em suas modalidades topográficas, econômicas e sociais” (1956, p.446-447).

Com relação às condições climáticas sobre o homem, Reis (1956) caracteriza aos elementos sociais e culturais na Amazônia, dando ênfase ao migrantes brasileiros e estrangeiros. Sob um enfoque descritivo da situação naquela região, o autor ressalta as dificuldades encontradas pelos migrantes e a conjuntura fundiária da Amazônia, pautada no latifúndio de extração vegetal:

O quadro das sociedades amazônicas, integrado por tais parcelas humanas, é um quadro que não expressa bem-estar. Os altos e baixos de seu desenvolvimento tem estado à mercê das flutuações dos mercados consumidores de matéria-prima regional. O regime das terras é o latifúndio, mercê do progresso econômico vigente, baseado fundamentalmente na exploração da floresta. A pequena propriedade, que significa a existência do lavrador constante, não têm significação com unidade econômica. Representa muito pouco na criação de riqueza e do tipo social do rurícola. (Reis, 1956, p.38).

Após a descrição dos grupos migrantes que ocupam a região amazônica, o autor deixa clara a questão determinista de seu discurso “naquelas realidades sociais tão angustiantes que surpreendemos na hinterlândia amazônica, o que há de positivo é o domínio do meio sobre a humanidade regional” (Reis, 1956, p.40).

Apesar dessa abordagem ser tão difundida nas classificações das escolas geográficas, sendo uma referência da geografia clássica, raros trabalhos na geografia agrária se desenvolveram sob esta base teórica.

Abordagem Estatístico-fisionômico-ecológico

Esta abordagem se refere à metodologia criada e utilizada por Leo Waibel, e por seus discípulos, entre eles Orlando Valverde. A proposta metodológica consiste em analisar as paisagens naturais e paisagens culturais com base em três elementos (estatístico, fisionômico e ecológico).

A geografia agrária estatística é a mais antiga delas, na qual se limita apenas em “representar cartograficamente a distribuição das áreas de produção agropecuária” (Valverde, 1964, p.22). Para ele, esta técnica representa muito pouco para a Geografia, pois, “não é a distribuição de uma cultura o que interessa fundamentalmente à geografia, mas sim saber como se distribui todo um conjunto de atividades agrícolas” (p.22-23).

A geografia agrária ecológica esta mais ligada tanto aos aspectos naturais como humanos nas “relações entre a paisagem agrícola e ao meio fisiográfico” (Valverde, 1964, p.23) devendo ser “encarada no sentido lato da expressão, isto é, não simplesmente em relação ao meio natural, mas levando em conta a contribuição cultural do homem” (p.27). Valverde menciona nesse item, a relação social no espaço agrário valorizando a relação cultural na paisagem agrícola.

A geografia agrária fisionômica para o autor, diz respeito à importância do trabalho de campo ao geógrafo, pois a interpretação que é realizada na paisagem cultural é fundamental para compreender a fisiologia. Valverde usa os termos morfologia agrária e estrutura agrária para descrever as interpretações que são realizadas pelas observações diretas pelos geógrafos agrários.

Lysia Bernardes (1956) analisa a agricultura e a paisagem agrária no entorno da cidade de Curitiba, trazendo referências de Waibel (1949), lembrando Von Thünen, para fundamentar a importância da localização dos produtores em relação ao mercado consumidor:

Para a compreensão dessa diversidade nos sistemas de utilização de terra e da permanência de técnicas rotineiras entre colonos de origem européia, apesar das condições quase ideais de proximidade de mercado, devemos primeiramente analisar mais de perto a distribuição das colônias em torno de Curitiba, estabelecendo a correlação necessária com as condições de solo e a cobertura vegetal. (Bernardes, 1956, p.270).

O método usado por Bernardes (1956) se pauta no indutivo, com análise empírica do trabalho de campo, fazendo as correlações entre ocupação humana e condições físicas, para assim tentar explicar os fatos existentes na paisagem agrária. Dessa maneira, a análise em conjunto destes três elementos metodológicos proporciona um diagnóstico mais apurado sobre a paisagem agrária, não se detendo apenas uma dessas abordagens.

Abordagem Histórico-Dialética

Com pouca expressividade no período estudado, a abordagem histórico-dialética representa uma nova visão de mundo e de ciência pelos geógrafos. O intuito de entender e desvendar a realidade social, esta abordagem permite resgatar a história e fazer o movimento contraditório das idéias e dos atores e agentes envolvidos.

O método dialético tem várias nuances e distinções, desde a dialética do idealismo de Hegel ao materialismo histórico-dialético de Marx e Engels. Entretanto, na geografia agrária clássica poucos se detiveram a estudar e aprofundar-se nessas questões teórico-metodológicas.

Caio Prado Júnior (1944) ao fazer uma breve análise do campo brasileiro, se apreende em examinar a estrutura social do campo para explicar a concentração da estrutura agrária. O autor divide essa estrutura em 3 categorias principais: o fazendeiro capitalista, assalariado e o pequeno proprietário. O primeiro pouco exerce a função de agricultor, a terra é um negócio para ele (capitalista). O segundo trabalha para o fazendeiro, pois não tem terra para plantar e depende da sua força de trabalho. O último depende da terra para sobreviver, ele tira dali seu sustento e alimento, a terra é seu lugar de morada e estabilidade.

Sobre a importância da pequena propriedade rural Prado Júnior afirma que:

Parece-me que não há argumentos que se possam considerar sérios, contra a pequena propriedade. E uma vez que ela resolve, como vimos antes, o problema fundamental do povoamento, e que é talvez o mais grave do Brasil, parece-me que a conclusão se impõe: trata-se simplesmente de substituir a grande propriedade, a fazenda, pela pequena. (Prado Júnior, 1944, p.27)

Prado Júnior (1945) faz uma caracterização da estrutura fundiária no estado de São Paulo, baseado nos dados estatísticos do *Boletim de Estatística Agrícola e Zootécnica (1932-33)*, dividindo as propriedades em pequenas, até 25 alqueires, média propriedade, até 100 alqueires, e por fim, grande propriedade com mais de 100 alqueires:

A propriedade rural se organiza em São Paulo com a colonização das então capitanias de São Vicente e Santo Amaro, que reunidas formariam o atual Estado. O sistema de uniforme de distribuição de terras, adotado pela Coroa Portuguesa e seus donatários foi, como se sabe a concessão de sesmarias. Em São Paulo estas sesmarias sempre foram, em regra, muito extensas. (Prado Júnior, 1945, p.694).

O autor ressalta que o problema fundiário no Estado de São Paulo está diretamente ligado ao processo de ocupação das terras e das atividades agrícolas desenvolvidas:

Em conclusão, o aspecto geral que o problema analisado nos oferece é o da predominância em São Paulo da grande propriedade. A razão já conhecemos: é que o principal fundamento da economia agrícola paulista ainda é a grande lavoura. E enquanto esta se mantiver, a grande propriedade naturalmente continuará desempenhando o mais importante papel na organização fundiária do Estado. (Prado Júnior, 1945, p.699).

Nestes artigos, o autor foge da metodologia predominante da época nos estudos geográficos, na qual baseava na descrição e detalhamento da paisagem através da observação, utilizando dados estatísticos e o método histórico-dialético.

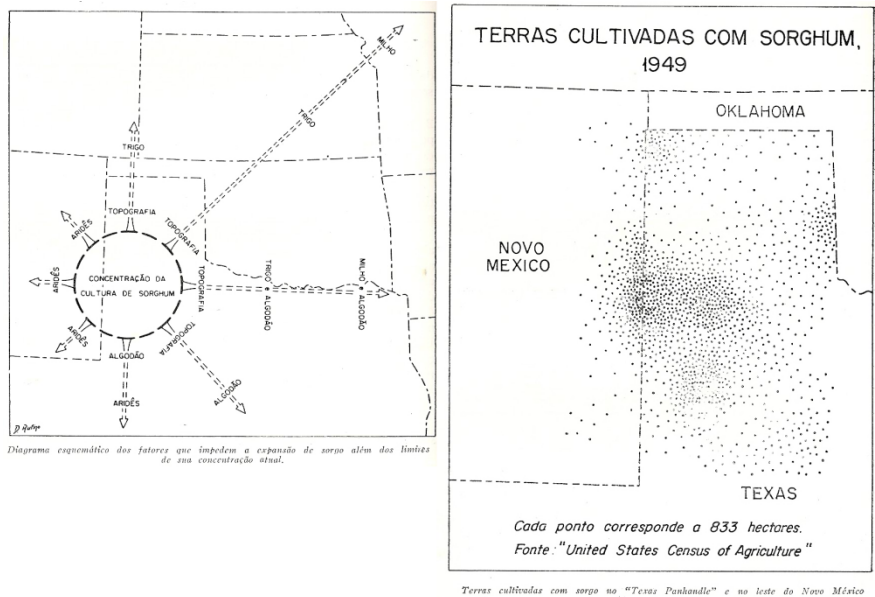
Abordagem Neo-Positivista

A abordagem neo-positivista ou positivismo lógico deu os primeiros indícios no final da década de 1950, com novas ferramentas e técnicas de pesquisa na geografia agrária. A ideia básica desta abordagem é entender o mundo de forma racional e lógica através da linguagem matemática e estatística para verificar as hipóteses e examinar a falseabilidade das indagações existentes.

Foi desenvolvida em meados da década de 1920 pelos membros do Círculo de Viena, e logo se espalhou nos diversos centros universitários pelo mundo, como o método científico capaz de tornar uma pesquisa com “rigor” metodológico. Na geografia agrária brasileira, adotou-se com ênfase, tal enfoque metodológico, a partir da década de 1960.

O trabalho de Harry Taylor (1958) apresenta a demanda do sorgo na região do Texas, nos Estados Unidos. Através de uma análise “quantitativa e modelística” entre área cultivada, valor total da produção e condições naturais o autor destaca o crescimento e a importância da cultura do sorgo nessa região dos Estados Unidos (Figura 2).

Figura 2 – Modelo e cartograma na análise da produção de sorgo no Texas, Estados Unidos.



Fonte: Taylor (1958).

O autor ilustra através de um diagrama que relaciona as culturas agrícolas e sua concentração, com as condições climáticas e de relevo. Outro aspecto importante quanto à metodologia utilizada pelo autor, refere-se ao cartograma de concentração de produção por pontos. Ao usar essas ferramentas (estatísticas, cartogramas e modelos) para explicar a concentração do sorgo nessa região, Taylor (1958) insere nos veículos de produção científica em geografia, um material diferenciado nas análises geográficas, não se limitando a descrição dos fatos observáveis, característica predominante da produção bibliográfica nas revistas científicas em geografia.

A utilização de modelos de distância e localização espacial insere numa nova perspectiva as análises da geografia agrícola, o positivismo clássico da simples observação e descrição não é mais significativo para alguns pesquisadores são necessárias outras ferramentas e teorias para explicar a paisagem.

Abordagem Sociológica

Sob influência das ciências sociais, os geógrafos agrários desenvolveram alguns trabalhos com a perspectiva sociológica, sem os detalhamentos descritivos da paisagem natural. Nesta abordagem, o enfoque se volta para as análises da sociedade e das demandas da população, decorrente das influências das outras áreas do conhecimento, ou seja, a inserção de teorias de outras ciências na geografia, bem como o pluralismo metodológico adotado por alguns geógrafos.

Prado (1955) analisou os aspectos sociais da cultura do café na sociedade brasileira, verificando o processo econômico, a religião, escravidão, imigração e gênero, enfatizando o momento da imigração:

A feliz combinação do potencial humano, da generosa lavoura cafeeira e de condições ecológicas e telúricas, permitiu o milagre de transformar em meio século, apenas, inculto território em enorme oficina de trabalho. Vários fatores inesperados contribuíram para a feliz aclimação do imigrante no novo *habitat*. (Prado, 1955, p.323).

A proposta de Pimentel Gomes (1959) ressalta para que os estudos em geografia agrária mudem a direção das exigências, que “talvez seja mais conveniente falar-se em organização agrária, do que em reforma agrária, porque não se pode reformar o que quase ainda não existe. O que é preciso é organizar” (Gomes, 1959, p.383). Nesse sentido, deve-se organizar a terra, homem, saúde, alimentação, habitação, colonização, sociedade, educação entre outros elementos que constituem a dinâmica agrária, ou seja, a organização agrária surge nos trabalhos de geografia agrária, justamente com a idéia de planejar e entender como a sociedade está constituída, e poder auxiliar os problemas evidentes.

Abordagem Sistemática

A noção da abordagem sistemática é defendida por Edward Ackerman (1947), na qual se apóia em Richard Hartshorne, pois entende que os estudos regionais, carecem de uma discussão mais profunda e geral, sendo necessário adotar uma postura sistemática e ampla, a fim de compreender a complexidade nas relações geográficas.

Ackerman (1947) aponta para futuras aplicações do método sistemático, em conjunto com o método regional, propondo uma “possibilidade de um novo método” (Ackerman, 1947, p.785), o autor defende a tese de que “a geografia é unidade e não dualidade”, ou seja, as pesquisas geográficas têm como objetivo a descrição regional, mas essa deve descrever a totalidade dos elementos regionais de forma sistemática e geral.

Como exemplo dessa abordagem, o trabalho que trata da produção de cacau mundial, Viers (1955) classifica os principais países produtores e consumidores desse gênero alimentício, através de tabelas e, principalmente, gráficos elucidativos a respeito da produção e das localidades produtoras de cacau, o estudo apresenta uma abordagem sistemática da produção de cacau.

PRODUÇÃO EM GEOGRAFIA AGRÁRIA E SUAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS

A importância dos estudos agrários é percebida no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados nos periódicos consultados. Demonstrando uma preocupação dos geógrafos clássicos em desvendar a realidade dos espaços rurais, bem como entender os distintos modos de vida e *habitat* rurais, centro das atenções nas décadas de 1940 e 1950. (Quadro 1).

A produção científica na década de 1940 totalizou 50 artigos referentes à geografia agrária nos três periódicos consultados⁴. Destes, 60% foram publicados no Boletim Geográfico, 32% na Revista Brasileira de Geografia e 8% no Boletim Paulista de Geografia. No ano de 1950, houve a maior circulação de artigos trabalhando a questão agrária, 24% do total publicado. Apenas no ano de 1941 e 1942 não houve publicação de artigos sobre a geografia agrária. Destaca-se a publicação permanente em geografia agrária no Boletim Geográfico, desde sua criação em 1943.

⁴ Lembrando que na década de 1940, a circulação do Boletim Geográfico era Bimestral, a Revista Brasileira de Geografia de circulação trimestral, e o Boletim Paulista de Geografia de circulação quadrimestral.

Dando ênfase aos aspectos descritivos das paisagens, a geografia agrária apresentou uma predominância nas abordagens relacionadas com os trabalhos empíricos e de observação direta (Quadro 2).

Quadro 1 - Produção da geografia agrária em periódicos nacionais entre 1941 e 1950.

Ano \ Periódico	RBG	BG	BPG	TOTAL
1941	-	-	-	-
1942	-	-	-	-
1943	-	2	-	2
1944	1	2	-	3
1945	-	5	-	5
1946	-	3	-	3
1947	4	7	-	11
1948	5	2	-	7
1949	2	4	1	7
1950	4	5	3	12
TOTAL	16	30	4	50

Fonte: Rev.Bras. de Geografia, Bol. Geográfico e Bol. Paul. de Geografia.
Levantamento e organização: Flamarion Dutra Alves.

Quadro 2 - Produção da geografia agrária em periódicos nacionais entre 1941 e 1950.

Abordagem \ Década	1941-1950
Descritiva	24
Histórica	12
Estatística	5
Comparativa	4
Causa-efeito	3
Estatístico-fisionômico-ecológico	3
Histórico-Dialético	2
Neo-Positivista	1

Fonte: Rev.Bras. de Geografia, Bol. Geográfico e Bol. Paul. de Geografia.
Levantamento e organização: Flamarion Dutra Alves.

O método indutivo, através dos trabalhos empíricos foram os predominantes na década de 1940, com a observação sendo a principal “ferramenta técnica” do geógrafo, além da abordagem histórica. A produção em geografia agrária se consolidou no cenário geográfico, quase que triplicando os números de artigos publicados na década de 1950 (Quadro 3).

A produção científica na década de 1950 totalizou 144 artigos referentes à geografia agrária nos três periódicos consultados. Destes, 60,4% foram publicados no Boletim Geográfico, 25,7% na Revista Brasileira de Geografia e 13,9% no Boletim Paulista de Geografia. No ano de 1952, houve a maior circulação de artigos trabalhando a questão agrária, 16,6% do total publicado, e apenas no ano de 1960 foram publicados 2,8% da década. Observa-se a ausência de produção no Boletim Paulista de Geografia nos anos de 1953 e 1954, nos demais anos e revistas sempre houve produção.

Apesar do predomínio dos estudos regionais e descritivos na década de 1950 houve uma acréscimo de estudos com a abordagem estatísticas (Quadro 4), em decorrência dos Censos Agropecuários, e de novas técnicas de pesquisa nos estudos geográficos.

Quadro 3 - Produção da geografia agrária em periódicos nacionais entre 1951 e 1960.

Ano \ Periódico	RBG	BG	BPG	TOTAL
1951	5	6	3	14
1952	6	14	4	24
1953	2	9	-	11
1954	6	12	-	18
1955	5	10	1	16
1956	1	8	2	11
1957	3	15	2	20
1958	3	4	4	11
1959	5	7	3	15
1960	1	2	1	4
TOTAL	37	87	20	144

Fonte: Rev.Bras. de Geografia, Bol. Geográfico e Bol. Paul. de Geografia.
Levantamento e organização: Flamarion Dutra Alves.

Quadro 4 - Produção da geografia agrária em periódicos nacionais entre 1951 e 1960.

Abordagem \ Década	1951-1960
Descritiva	60
Estatística	49
Histórica	39
Sociológica	9
Estatístico-fisionômico-ecológico	8
Comparativa	6
Determinista	5
Causa-efeito	3
Sistemático	2
Neo-Positivista	1
Histórico-Dialético	1

Fonte: Rev.Bras. de Geografia, Bol. Geográfico e Bol. Paul. de Geografia.
Levantamento e organização: Flamarion Dutra Alves.

A diversidade de abordagens metodológicas na década de 1950 é expressa, principalmente, pela inserção de análises estatísticas e históricas sobre a organização da sociedade. As descrições detalhadas em ricas monografias regionais não eram mais suficientes para explicar as relações entre sociedade e natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se nessa pesquisa, uma variedade metodológica na geografia agrária, apesar desse momento estar classificado como “Geografia Clássica”, existiram outras nuances teórico-metodológicas nas pesquisas geográficas sobre o rural.

As localizações e caracterizações foram de grande valia para a construção e consolidação da geografia no cenário científico brasileiro, pois inúmeros trabalhos geográficos relataram e registraram fatos sociais e ambientais, que outras ciências humanas não haviam pesquisado.

Ficou evidente a influência alemã e francesa nos trabalhos realizados no Brasil, motivados pelas presenças de geógrafos destes países durante a década de 1940. Apesar de outras vertentes teórico-metodológicas estarem presentes nos trabalhos publicados nessa década, a predominância do método indutivo-empírico-descritivo e das abordagens

comparativa, estatística e histórica formaram as bases que sustentaram os estudos regionais na geografia agrária, sendo a paisagem a categoria principal de análise na geografia agrária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Florêncio de. O gado bovino e sua influência sobre a antropogeografia do Rio Grande do Sul. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, v.11, n.116, p.466-476, 1953.

ALVES, Flamarion D. **Trajectoria teórico-metodológica da geografia agrária brasileira: A produção em periódicos científicos de 1939 – 2009**. Tese de Doutorado (Geografia – Organização do Espaço). Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2010. 350p.

ALVES, Flamarion D. ; FERREIRA, Enéas R. Evolução e perspectivas da metodologia em Geografia Agrária. p.725-735. *In*: Seminário de pós-graduação em geografia da UNESP-Campus Rio Claro, v.7. **Anais...** Rio Claro: AGETEO, 2007.

_____. Pressupostos teórico-metodológicos da geografia rural brasileira: evolução e tendências. p.1-14. *In*: Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico, v.1. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2008a.

_____. Elementos metodológicos da geografia agrária clássica: a produção em periódicos brasileiros. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v.2, n.18, p.43-61. 2008b.

ANDRADE, Manuel Corrêa. Geografia Rural: questões teórico-metodológicas e técnicas. **Boletim de Geografia Teorética**. Rio Claro, v.25, n.49-50, p.03-14, 1995.

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti. Problemas da utilização da terra nos arredores de Curitiba. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.18, n.2, p.271-276, 1956.

CÂMARA, Lourival. A concentração da propriedade agrária no Brasil. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.7, n.77, p.516-528, 1949.

CERON, Antônio Olímpio. ; GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira. Geografia Agrária e Metodologia da Pesquisa. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v.9, n.17-18 p.59-68, 1979.

DEFFONTAINES, Pierre. Regiões e paisagens do estado de São Paulo: primeiro esboço de divisão regional. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.2, n.24, p.1837-1850, 1945.

_____. Geografia humana do Brasil: capítulo IV. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.4, n.48, p.1571-1597, 1947a.

_____. Investigações sobre os tipos de povoamento no estado de São Paulo. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.5, n.51, p.249-252, 1947b.

FERREIRA, Darlene A. O. Geografia Agrária no Brasil: conceituação e periodização. **Terra Livre**, São Paulo, n.16, 1º sem., p.39-70, 2001.

_____. **Mundo Rural e Geografia. Geografia agrária no Brasil: 1930-1990**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. 5.ed. Tradução Flávio Paulo Maurer. Petrópolis: Vozes, 2003.

GEIGER, Pedro Pinchas; SANTOS, Ruth Lyra. Notas sobre a evolução da ocupação humana na baixada fluminense. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.16 n.3, p.291-314, 1954.

GOMES, Pimentel. Panorama agrário no Brasil. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.17, n.151, p.383-390, 1959.

GUSMÃO, Rivaldo Pinto. Os estudos de geografia rural no Brasil: revisão e tendências. *In*: Encontro Nacional de Geógrafos, v.3. **Anais...** Fortaleza: AGB, 1978.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003.

MONBEIG, Pierre. Estudos Geográficos. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.1, n.11, p.7-11, 1944.

PEREIRA, José Veríssimo da Costa. A propósito da evolução, conceito e método da geografia. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.2, n.22, p. 1477-1481, 1945.

- PÔRTO, Aurélio. Antecedentes econômico-políticos da fundação dos povos. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.14, n.135, p.445-472, 1956.
- _____. Antecedentes econômico-políticos da fundação dos povos. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.15, n.136, p.15-44, 1957.
- PRADO, J. F. de A. Aspectos sociais da cultura do café. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.13, n.126, p.318-324, 1955.
- PRADO JÚNIOR, Caio. Problemas de povoamento e a pequena propriedade. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.2, n.16, p.17-31, 1944.
- _____. Distribuição da propriedade fundiária rural no estado de São Paulo. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.3, n.29, p.692-700, 1945.
- REIS, Artur Cesar Ferreira. Aspectos sociais da valorização da Amazônia. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.14, n.130, p.34-40, 1956.
- REIS JÚNIOR, Dante F. da C. História do Pensamento Geográfico: como lê-lo para interpretá-la? (as rotinas técnicas). p.596-605. *In: Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo – 1º SIMPGEO. Anais...* Rio Claro: AGETEO, 2008.
- VALVERDE, Orlando. Divisão regional do Vale do São Francisco. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.27-66, 1944.
- _____. **Geografia Agrária do Brasil**. Rio de Janeiro: INEP – MEC – CBPE, 1964.
- VEYRET, Paul. A pecuária na zona tropical. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.14, n.130, p.5-13, 1956.
- VIERS, Georges. O cacau no mundo. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.13, n.124, p.5-43, 1955.
- WAIBEL, Leo. A teoria de Von Thünen sobre a influência da distância do mercado relativamente a utilização da terra. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.3-40, 1948.
- _____. Princípios de colonização européia no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p.159-222, 1949.
- _____. Determinismo geográfico e geopolítica. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.19, n.164, p.612-617, 1961.